



Imagens feitas por satélite da Nasa mostram o degelo no Pólo Norte, o que eleva o nível do mar. A primeira foto é de 1979. A segunda, de 2005

Nível do mar sobe mais

A ONU estima que neste século o nível suba 0,8 metro. Cientistas, porém, dizem que elevação pode ser de 1,6 metro

WASHINGTON – O nível do mar no mundo pode subir duas vezes mais neste século do que os cientistas da Organização das Nações Unidas (ONU) haviam previsto, segundo pesquisadores que estudaram o que aconteceu há mais de 100 mil anos, a última vez em que a Terra ficou com esta temperatura.

Especialistas do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU sugeriram que um máximo de 0,8 metro de elevação no nível do mar – um efeito-chave do aquecimento global – para o século 21.

Mas pesquisadores disseram em um estudo publicado no do-

mingo na revista *Nature Geoscience* que o máximo poderia ser o dobro disso, ou 1,6 metro. Cidades costeiras em quase todo o mundo sofreriam danos sérios por causa disso.

A estimativa foi feita com base em estudos do chamado período interglacial, entre 124 mil e 119 mil anos atrás, quando o clima da Terra era tão quente quanto é agora devido a uma diferente configuração na órbita do planeta em torno do sol.

Esta foi a última vez em que o nível do mar chegou a seis metros acima do nível atual, devido ao descongelamento de folhas de gelo que cobriam o pólo Norte e Antártica.

Os pesquisadores afirmam que

seus achados são a primeira documentação substancial de como o nível do mar subiu rapidamente para esse patamar.

“Até agora, não havia registros que suficientemente mostravam a taxa total das elevações do nível do mar do passado até o nível atual”, disse o autor Eelco Rohling, do Centro Nacional de Oceanografia da Grã-Bretanha, em um comunicado.

Rohling e seus colegas descobriram uma média de elevação do nível do mar de 1,6 metro a cada século durante o período interglacial.

Naquele tempo, o Pólo Norte tinha 3 a 5 graus centígrados a mais do que agora, o que é similar ao período de aquecimento esperado nos próximos 50 a 100 anos, segundo Rohling.

Modelos atuais de folhas de gelo não prevêem taxas de mudança desta magnitude, mas eles não incluem muitos dos processos dinâmicos já observados por glaciologistas, disse o comunicado.

Discussão difícil sobre clima

NOVA IORQUE – Após ser vaiada na plenária final da Conferência de Bali na madrugada de anteontem, ouvir frases duras, e finalmente aceitar o consenso, Paula Dobriansky, chefe da delegação dos Estados Unidos, deu início, mesmo que simbolicamente, a fase mais dura do processo.

“Nós teremos dois anos com demandas tremendas, que vão começar logo em janeiro”, afirmou Humberto Rosa, chefe da delegação da União Européia, logo após os norte-americanos terem protagonizado uma virada de 180 graus em sua posição.

O Mapa do Caminho que saiu da Indonésia, acordado por 190 nações, não definiu metas de redução de emissões de gases que contribuem para o efeito-estufa,

porém estabeleceu a data que um acordo realmente efetivo terá que ficar pronto: dezembro de 2009, na reunião que será feita na Dinamarca.

Os negociadores deixaram Bali falando em um evento histórico e prometendo ações urgentes de combate ao aquecimento global, fenômeno que poderá trazer mais enchentes, secas, tempestades e ondas de calor para o mundo.

Os holofotes agora já estão virados para Gana, onde no início do ano, provavelmente em março, haverá uma primeira reunião de trabalho dos negociadores do clima dentro do âmbito da ONU.

“Se ocorrer uma mudança maior na política de governo ame-

ricana, poderemos esperar uma grande aceleração na execução dos acordos feitos em Bali”, disse Rachmat Witoelar, ministro de Ambiente da Indonésia.

Para os ambientalistas que acompanharam as intermináveis reuniões em Bali, a eleição presidencial nos Estados Unidos, no final de 2008, ficou mais importante ainda.

“Na eleição (dos EUA), a mudança climática ocupará provavelmente um lugar relevante no debate, com a vantagem de que os cidadãos têm um conhecimento maior sobre o tema e mais responsabilidade também sobre o aquecimento (da Terra)”, disse o ambientalista Pablo Cotarelo, da ONG Ecologistas em Ação, da Espanha.

Novos tipos de rato e de gambá

JACARTA, INDONÉSIA – Cientistas ligados à entidade Conservação Internacional anunciaram a provável descoberta de um gambá-pigmeu e de um rato gigante nas florestas de uma remota cordilheira na Província indonésia de Papua.

Em nota, a CI disse que a descoberta dos mamíferos ocorreu em junho, durante expedição científica aos montes Foja. O gambá-pigmeu é do gênero “*Cercetus*”, um dos menores marsupiais do mundo. O rato é do gênero “*Mallomys*”. Ambos aparentemente eram desconhecidos e estão sendo estudados.

Os cientistas, acompanhados por uma equipe de filmagem, também registraram pela primeira vez os rituais de acasalamento de várias espécies raras de aves.

Os especialistas do Instituto Indonésio de Ciências e da CI descobriram também dezenas de novas plantas.



Gambá-pigmeu